

# Fluxo e refluxo: o caminho das “novidades” em Minas Gerais

**Helvécio Pinto do Nascimento**

Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – *campus* Rio Pomba

helvecio.nascimento@ifsudestemg.edu.br

## **Resumo**

Os viajantes que passaram pelos caminhos de Minas no início do século XIX observaram a “curiosidade” dos mineiros e o “fluxo” das ideias em diferentes vilas. Nesse contexto, a circulação das notícias não se reduziu à circulação de impressos, uma vez que a oralidade e a **palavra** do tropeiro permitiam que as pessoas, para além do grupo letrado, tivessem acesso às “novidades” oriundas da Europa e da Corte do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** palavra; oralidade; novidades.

## **1 Introdução**

Em 1821, o viajante alemão Johann Moritz Rugendas, contratado pela expedição científica do Barão de Langsdorff, aportou no Brasil e observou o clima de efervescência e de formação de uma “opinião pública” nesse país (RUGENDAS, 1976, p. 119). Rugendas alertava que os integrantes da Corte - nobres, alto clero e abastados comerciantes acostumados ao mando político - deveriam incomodar-se, pois estava em construção uma nova forma de fazer política, especialmente a partir do “espírito de investigação” que vinha desenvolvendo-se entre os habitantes da Corte, que se empenhavam em expor suas opiniões sobre os acontecimentos políticos. Essas considerações referem-se mais diretamente à cidade do Rio de Janeiro, devido à sua importância política e por ter havido, nesse ínterim, aumento da impressão de panfletos, periódicos e jornais, que eram lidos e debatidos em locais públicos.

Mesmo com os esforços da Coroa portuguesa que incentivou, especialmente na segunda metade do século XVIII, pesquisas e viagens de alunos da Universidade de Coimbra pela Europa e pelo Brasil, deve-se ponderar que o interior brasileiro era desconhecido nos anos iniciais do século XIX. Com a instalação da Corte no Rio de Janeiro, em 1808, esse quadro alterou-se, uma vez que as viagens pelo interior passaram a contar com o aval e o incentivo da Coroa. Os viajantes que se aventuravam pelos caminhos brasileiros tinham o propósito de conhecer o potencial das novas riquezas a serem exploradas. Cabe registrar que

esse era o propósito de muitos viajantes que contavam com o aval dos governos de seus países. Sob a chancela da pesquisa e do estudo da fauna e flora brasileira, prestaram informações estratégicas sobre a diversidade e o potencial econômico disperso pela região (BELLUZZO, 1994).

Em se tratando do primeiro quartil de nossa história no século XIX, cabe ponderar que houve um aumento das discussões envolvendo, por exemplo, a instalação da Corte em terras brasileiras, a aclamação e coroação do rei e sua volta ou permanência no Brasil no contexto da Independência. Em Minas Gerais, as pessoas também participaram dessas discussões. Desde 1808, o isolamento da capitania mineira foi rompido devido à ampliação das inter-relações das elites locais com a praça comercial fluminense. Tal interligação era feita por meio de constantes viagens à Corte e engendrou “mudanças na mentalidade, nos padrões de sociabilidade e nas expectativas de consumo de bens materiais e culturais” (VELLASCO, 2004, p. 45).

## 2 Desenvolvimento

A província mineira era cortada pelos principais caminhos que interligavam a cidade do Rio de Janeiro ao interior do Brasil. Viajantes, mineralogistas, naturalistas e botânicos estrangeiros cruzavam esses caminhos com o propósito de pesquisar sobre a diversidade da fauna e flora brasileiras, vindo a relatar suas experiências de viagem e seu contato com os habitantes, em especial os de Minas Gerais. Mesmo com um olhar fortemente europeizado, descreveram fatos que denotam o empenho dos mineiros em inteirar-se acerca das “novidades” da Europa e da Corte fluminense.

Em setembro de 1818, John E. Pohl, ao passar pelos caminhos de Minas em direção à província de Goiás, foi revistado pela guarda de cavalaria em um local próximo ao registro de Matias Barbosa. Relatou que o oficial que trabalhava no local era “homem de alguma educação” e os soldados muito curiosos, pois fizeram muitas “perguntas sobre coisas da Europa”. Dias depois, na vila de Barbacena, deparou-se com “uma multidão de espectadores, os quais desde a manhã até a noite observaram por curiosidade” a sua ocupação (POHL, 1951, p. 189; 195). Ao passar pelo registro de Matias Barbosa, um ano antes, John Luccock observou que seu comandante era “pessoa de maneiras fidalgas, grande conhecedor da história natural e civil da Província, por cujas partes toda viajara, e não somente disposto a



Regimento do Rio Preto, um simples furriel, expressava-se bem e raciocinava com clareza, demonstrando boa educação. No rancho de Manoel Vieira, encontrou-se com alguns viajantes da vila de Oliveira, que se dirigiam ao Rio de Janeiro a negócios. Dentre eles, havia um cirurgião que logo ostentou “seus títulos tomando ares de importância [...] cada qual se apressou em consultá-lo” (SAINT-HILAIRE, 1974a, p. 22; 28; 32).

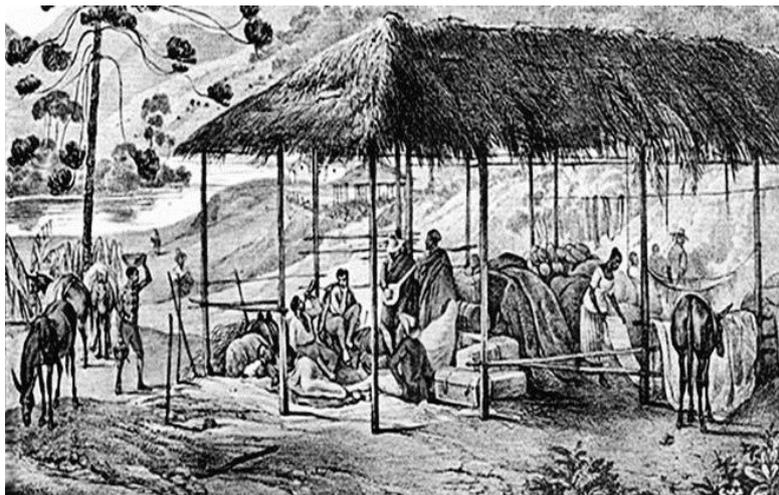


Figura 2 - Pouso de uma tropa, por Rugendas  
Fonte: Sumidoiro Wordpress, 2013.

Os ranchos normalmente eram cobertos de telhas e localizados à beira das estradas, servindo para que os viajantes e os tropeiros pudessem descansar, alimentar-se e dormir. As mulas de carga também precisavam de descanso para aguentar a viagem no dia seguinte. Nesses locais, travavam-se as cantorias e conversações a que se referem os viajantes. Foi na estalagem de João da Costa Rodrigues, localizada em Varginha, que Tiradentes falou a Antônio de Oliveira Lopes sobre a sedição de Vila Rica e, em seguida, o proprietário do estabelecimento repetiu as palavras do alferes ao padre Manoel Rodrigues da Costa, ao capitão João Dias da Mota e a Basílio de Brito Malheiros (VILLALTA; BECHO, 2007, p. 555-578).

Como era de praxe, os viajantes, ao pararem nos ranchos ou vendas<sup>1</sup>, ocupavam-se de adquirir milho para os animais nas fazendas mais próximas. Numa dessas ocasiões, Saint-Hilaire teve a oportunidade de conversar com o dono de uma fazenda nos arredores da

---

<sup>1</sup> Saint-Hilaire (1974b, p. 56) salienta que muitos proprietários estabeleciam “vendas às margens das estradas para poderem vender seu milho mais facilmente e a melhor preço”.

vila de Barbacena. Nessa oportunidade, o viajante perguntou sobre o novo governo de Minas e o fazendeiro respondeu:

contraria-me, entretanto [...] que se tenha suspenso o nosso general [D. Manuel de Portugal e Castro, presidente do governo provisório]; com ele, estávamos habituados, e uma só pessoa governa sempre melhor do que cinco homens de entendimento difícil. Se quando construí minha casa fosse obrigado a consultar todos os meus vizinhos, ela não estaria feita (SAINT-HILAIRE, 1974a, p. 30).

A opinião desse fazendeiro é bastante similar à do comandante do Regimento de Barbacena e à do vigário de São João del-Rei, que, em conversa com Saint-Hilaire sobre os últimos acontecimentos políticos na província, manifestaram reprovação ao governo provisório de Vila Rica e respeito à dinastia de Bragança. Além do fator econômico que interligava os proprietários das vilas da comarca do Rio das Mortes ao mercado da Corte, observa-se a simpatia dessas pessoas pela lógica dinástica e suas críticas aos integrantes do governo provisório mineiro. Nota-se que a conversa do viajante francês foi travada com um fazendeiro, um padre e um militar, os dois últimos imersos nas hierarquias religiosa e civil, ambas arbitradas pela Coroa, que atuaria na consolidação dos interesses dos proprietários mineiros, como se observa na primeira viagem de Dom Pedro I a Minas em março e abril de 1822.



Figura 3 - Retrato de D. Pedro I (Museu Imperial)  
Foto de Luiz Carlos Villalta

Ao passar pela vila de Barbacena em 1821, Rugendas percebeu sua localização privilegiada, pois havia o entroncamento do comércio de Goiás, Minas Gerais e da Corte, o que tornava essa “cidade abastada e industrial, onde, pela primeira vez, depois de ter atravessado florestas primitivas e montanhas, o viajante encontra alguma comodidade”. Relata que, no “tempo da Inconfidência”, havia nas imediações “frequentes **conferências** entre os principais habitantes da região e os efeitos dessas reuniões propiciaram o surgimento e a propagação do espírito da Independência dos brasileiros” (RUGENDAS, 1976, p. 28-29, grifo nosso).

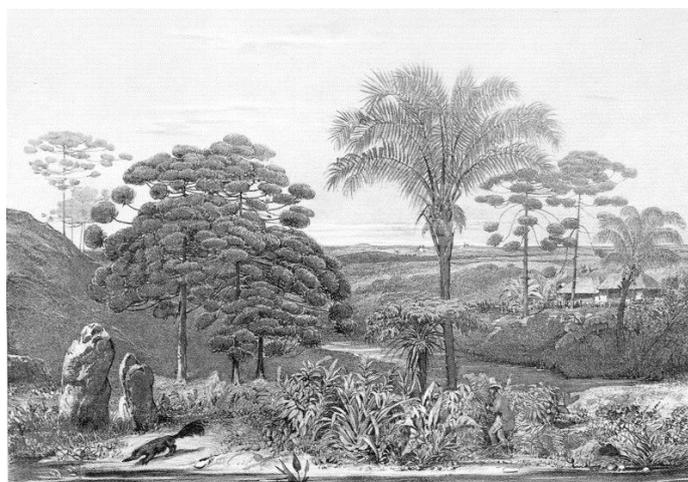


Figura 4 - Barbacena, por Rugendas.  
Fonte: Barão em foco<sup>2</sup>

A divulgação do ideário liberal entre os mineiros no final do século XVIII ocorreu basicamente entre o grupo de letrados, ou parte deles, que normalmente desempenhavam atividades ligadas à administração pública. Foi no seio dessa pequena elite que as “perigosas” ideias francesas e norte-americanas encontraram terreno fértil para que fossem debatidas (VILLALTA, 1997, p. 332-385). Deve-se ponderar, no entanto, que os inconfidentes mineiros de 1789, mais especificamente, apropriaram-se de um conjunto diverso de livros e de ideias por meio da leitura e de reflexões, que tinham como referências suas condições e interesses. Ainda que livros fossem discutidos pelos inconfidentes, foi a comunicação oral que desempenhou papel fundamental na disseminação das ideias sediciosas entre eles.

Nos caminhos que interligavam Minas ao Rio de Janeiro, nas casas dos inconfidentes, nas estalagens, nos sítios e nas residências de meretrizes foram construídos laços de sociabilidade e clientela, assim como espaços para a formulação e difusão das ideias

---

<sup>2</sup> Disponível em: < <http://www.baraoemfoco.com.br>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

e planos para a rebelião. Ilustra esse quadro a peculiar pregação de Tiradentes pelos caminhos, tabernas e casas de prostitutas de Minas (VILLALTA; BECHO, 2007). O debate político entre os inconfidentes deu-se também por meio da divulgação de pasquins, como os divulgados em um distrito de Mariana, em que um sargento-mor foi acusado do crime de inconfidência. No processo movido pelo acusado, observa-se o testemunho de uma crioula forra que atestou ter conhecimento dos pasquins porque “lerão a ela”, o que reafirma a força da oralidade entre os mineiros em finais do século XVIII<sup>3</sup> (ANTUNES, 1992, p. 347-366).

Se os recursos ligados à oralidade são observáveis no contexto da Inconfidência Mineira, é plausível considerar que seu uso tenha se mantido nas duas primeiras décadas do século XIX. Mais do que isso, deve-se ter em mente que o contexto da Independência deve ter sido um momento propício para a ampliação dessa forma de comunicação, uma vez que os debates nesse período não se reduziram a círculos restritos de letrados, mas se espalharam pelas ruas, boticas e pelos caminhos de Minas, como observa-se nas narrativas dos viajantes Pessoas como o fazendeiro e o militar de Barbacena, mais o vigário de São João del-Rei, com quem Saint-Hilaire teve a oportunidade de travar **conversaço**, ilustram a força da oralidade entre os mineiros, que se mostravam “curiosos” e, em algumas situações, polidos no jeito de falar e portadores de alguma “educação”, como observaram Saint-Hilaire e Pohl. Este, ao passar pela vila de São João del-Rei, relatou que era uma das “mais limpas e alegres” do Brasil, onde teve a oportunidade de receber visitas, como o juiz de fora José Bernardo de Figueiredo e outros distintos habitantes da localidade, como integrantes do clero e um professor de língua latina, para travar **conversaço** sobre assuntos variados. Na Rocinha de Simão Pedro, Pohl, ao conversar com o oficial desse Registro, pôde perceber que o mesmo detinha “informações da Europa” (POHL, 1951, p. 189). No Registro da Mantiqueira, Saint-Hilaire foi minuciosamente revistado pelo comandante do Regimento, que justificava seu procedimento, salientando que “a população do Brasil aumentava muito, e que os meios de **comunicaço** entre uma e outra Província se haviam multiplicado, cessando a vistoria dos registros de preencher seus fins” (SAINT-HILAIRE, 1974a, p. 66, grifo nosso).

As pessoas situadas nas “fimbrias” da elite formavam um público “virtual”, que tomava conhecimento das notícias “ouvindo as leituras e participando das conversas e discussões” sobre os acontecimentos políticos nos idos separatistas. Foi por meio do cotidiano “falar de boca” e da construção de um imaginário político que se desenrolou o debate de

---

<sup>3</sup> Para Laura de Mello e Souza (1992, p. 347-366), a existência desse pasquim “sugere a de muitos outros”.

ideias e de concepções de mundo nesse período (NEVES, 2003, p. 103). No Primeiro Reinado e no decorrer da Regência, mesmo com o surgimento dos impressos e a significativa circulação de jornais nos idos separatistas, a oralidade manteve-se como importante estratégia de divulgação das ideias defendidas pela elite liberal moderada. Foi por meio de leituras públicas e da difusão oral que as ideias liberais alcançaram um grupo maior de pessoas, que não detinham recursos suficientes para ler textos políticos de caráter doutrinário. Por meio da oralização dos textos, essa elite política visava atingir setores sociais excluídos da reflexão acerca da estruturação do poder (SILVA, 2009, p. 137-138).

Um aspecto a reforçar o uso da oralidade entre os mineiros relacionava-se à interligação comercial de vilas mineiras com a Corte fluminense. Referindo-se ao Porto da Estrela<sup>4</sup>, Rugendas (1976, p. 20) salienta que

na vizinhança do Rio [de Janeiro], a primeira aldeia de alguma importância é a do Porto da Estrela, à margem do [rio] Inhomirim [...] As mercadorias destinadas às províncias do interior, como Minas Gerais, Minas Novas, Goiás etc., são primeiramente conduzidas, da mesma forma que os viajantes, em pequenas embarcações, do Rio ao Porto da Estrela, afastado sete léguas. Aí são elas confiadas a tropas de mulas que, por seu lado, trazem, de volta, carga para os navios no Rio de Janeiro.

O viajante sugeria que os estrangeiros visitassem esse local, pois ali encontravam-se homens de todas as províncias do interior do Brasil, de condições sociais variadas, o que permitiria ao estudioso observar as roupas, os hábitos e a “barulhenta” atividade dessas pessoas. Da mesma forma, salientava que “ali se organizam as caravanas que partem para o interior e somente aí o europeu se depara com os verdadeiros costumes do Brasil”. A freguesia de Nossa Senhora da Estrela foi fundada em 1680 e elevada à condição de vila somente em 1840, apesar de sua importância comercial. Porto da Estrela detinha lojas de fazendas secas e molhadas, grandes armazéns de sal e muitos ranchos para uso dos tropeiros. Em seu espaço, circulava grande quantidade de tropeiros vindos das Minas, com suas bestas de sela e de carga, sendo o comércio a principal ocupação dessas pessoas. A “azafama” e o “alarido” nesse local surpreendiam àqueles que, pela primeira vez, deparavam-se com o

---

<sup>4</sup> Importante local situado nas proximidades do Rio de Janeiro e onde os tropeiros de várias partes do interior do Brasil paravam para descansar e abastecer.

embarque e o desembarque dos gêneros que vinham e voltavam para as Minas (RUGENDAS, 1976, p. 21).

Saint-Hilaire observou, em 1822, que os caminhos próximos à cidade do Rio de Janeiro “apresentam-se atualmente tão movimentados quanto os que vão ter aos maiores centros da Europa”. Em sua saída dessa capital rumo a Minas Gerais, registrou seu encontro com pedestres e cavaleiros, em sua maior parte mineiros, que tocavam porcos e gado e conduziam mulas carregadas para o abastecimento da praça mercantil fluminense (SAINT-HILAIRE, 1974a, p. 15). Referindo-se a São João del-Rei, Rugendas salienta que sua produção e fundição de ouro eram insuficientes para a garantia do “bem-estar” de que desfrutavam seus habitantes. Essa condição confortável devia-se principalmente ao comércio de outros produtos, pois por essa vila passavam tropas do interior, oriundas de diferentes locais, como Tamanduá, Araxá e Paracatu, que, por sua vez, mantinham estreitas interligações comerciais com vilas da província de Goiás. Rugendas salienta que

essa passagem de tropas [por São João del-Rei] assegura também os meios de exportação para o litoral [...] são esses artigos [gado, porcos, carne-seca e toucinho] levados para o Rio de Janeiro, São Paulo e outros lugares da costa, de onde as tropas trazem, na volta, mercadorias da Europa, como o sal, o vinho e o azeite<sup>5</sup> (RUGENDAS, 1976, p. 31).

Passando por Vila Rica, Rugendas percebeu a presença de alguns europeus, especialmente portugueses, que se dedicavam aos negócios ou trabalhavam em emprego “público”. Relatou que o comércio constituía a principal atividade da capital mineira, pois, além do ouro, produzia e exportava lãs, peles, couros, queijos, carne seca, leite, chapéus de feltro e cerâmica. Devido a essa gama de atividades, partiam diariamente tropas rumo ao Rio de Janeiro, de onde voltavam com produtos como sal, vinhos e escravos. A capital mineira era interligada ao Rio de Janeiro pela estrada que passava por Barbacena; para São Paulo, o caminho seguia por São João del-Rei; para a Bahia, a alternativa era passar por Minas Novas; seguindo pelo interior mais longínquo, passava-se por Catas Altas, Tijuco e Vila do Príncipe, por onde alcançava-se a vila de Paracatu. Desta, seguia-se rumo às províncias de Goiás e de Mato Grosso; e, passando por Sabará, era possível seguir por outro caminho, que levava à vila de Tamanduá e ao rio São Francisco (RUGENDAS, 1976, p. 34).

---

<sup>5</sup> Em sua pesquisa, Graça Filho (2002, p. 55-64) confirma a intensa interligação comercial de vilas mineiras, como a de São João del-Rei, com o mercado da Corte no século XIX.



Figura 5 - Caminho para o Tijuco, por Rugendas  
Fonte: Commons Wikimedia<sup>6</sup>

O Tijuco, segundo Rugendas (1976, p. 40), era florescente e detinha aspecto “agradável”, sendo boa parte das casas de dois andares, limpas e mais bem construídas do que em outras partes da província. Contava com a presença de vários funcionários e negociantes, o que dava “maior encanto às relações sociais”, e o comércio era grande e feito “principalmente de artigos de luxo e modas de Paris” (RUGENDAS, 1976, p. 40). Em suas observações, Saint Hilaire (1974b, p. 30, 34) salienta que “incessantemente veem-se chegar ao Tijuco caravanas de burros carregados de mercadorias e víveres”. O comércio nesse local era feito em sua maior parte com a praça comercial do Rio de Janeiro. Porém, havia caravanas de tropeiros que tomavam o caminho que levava a Salvador, apesar de essa praça estar localizada a uma distância maior e de as estradas não oferecerem boas condições para os viajantes. Por sua vez, os escravos comercializados no Tijuco e seus arredores vinham principalmente da Bahia, pois, apesar do preço mais alto, havia menor índice de mortes nos caminhos que ligavam o Tijuco a Salvador<sup>7</sup>.

Nesse processo de interligação das vilas mineiras entre si e com as praças comerciais da Corte fluminense e de Salvador - desempenhou papel proeminente a figura do tropeiro, na medida em que fazia o intercâmbio comercial e cultural entre esses locais. Os tropeiros conheciam os caminhos de Minas - e sua atividade implicava percorrer distâncias,

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

<sup>7</sup> A justificativa, segundo Saint-Hilaire (1974b, p. 30, 34), era que, pelos caminhos que seguiam para o Rio de Janeiro, o clima era mais “fresco e úmido”, o que propiciava maior adoecimento dos escravos, ao passo que, seguindo rumo à Bahia, havia “vastas planícies muito quentes” e portanto, de menor impacto físico sobre essas pessoas.

viabilizando a circulação de mercadorias, notícias e novidades, que impulsionavam a circulação de ideias, impressos e jornais. Em época carente de informações, “a palavra recente do tropeiro significava a veiculação mais atualizada das novidades que procediam do mundo da Corte” (LENHARO, 1979, p. 91).

Em sua viagem, Saint-Hilaire parou para descansar no rancho de Traituba, situado próximo à vila de Carrancas. Relata que,

depois de nós, várias caravanas vieram sucessivamente aboletar-se no rancho. Vêm umas do Rio de Janeiro para São João [del-Rei] e Barbacena carregando sal; vão outras destes arredores para a capital e levam toucinho e queijos [...] **conversam** os tropeiros sobre a região que percorreram e falam de aventuras amorosas. Cantam, tocam violão ou dormem envoltos em cobertas estiradas no chão sobre couros (SAINT-HILAIRE, 1974a, p. 37, grifo nosso).

O cura de Aiuruoca relatou a Saint-Hilaire que o local era frequentado durante a semana somente por mercadores, operários e prostitutas; mas, aos domingos e dias de festas, todos os agricultores da região reuniam-se para participar das atividades religiosas e festivas. Segundo o mesmo informante, cada família de agricultores possuía “uma tropa de burros”, sendo os homens brancos quem normalmente tangiam bois e porcos para o Rio de Janeiro. Nas fazendas, ponderou o religioso, “um dos filhos torna-se o condutor da tropa, outro se encarrega de cuidar desta, outro das plantações, e todos indiferentemente ordenham vacas e fazem queijos” (SAINT-HILARIE, 1974a, p. 54). No Porto da Estrela, Luccock observou, no local onde se instalara, “além da comum tarefa do acondicionamento do sal [...] no mínimo 500 mulas a serem carregadas e suas cargas a serem arrumadas e ajustadas. Cada tropa é dividida em seções de sete animais e um tocador” (LUCCOCK, 1975, p. 246).

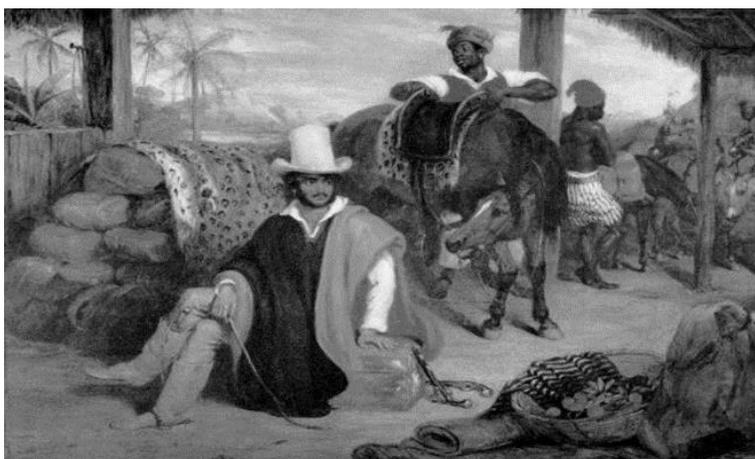


Figura 6 - Tropeiro Paulista, por Landsser  
Fonte: Peregrina Cultura Wordpress<sup>8</sup>

A **palavra** do tropeiro constituía o elo entre o interior do Brasil e os centros importantes, como a Corte e Salvador. Além de produtos transportados nos lombos das mulas, o tropeiro trazia também as “novidades” veiculadas em jornais e impressos. O aumento da produção mineira, especialmente com a vinda da Corte para o Rio de Janeiro em 1808, implicou maior circulação de homens pelos caminhos de Minas, propiciando um constante ir e vir de mercadorias, notícias e ideias, que eram repassadas e avaliadas a partir da experiência da elite local mineira, que, por sua composição social, interagiu diretamente com a dinâmica social e econômica daquela sociedade.

Em maio de 1818, os naturalistas Spix e Martius, ao passarem pelas imediações da vila de Sabará, conheceram o padre Freitas, “célebre mineiro” que os recebeu com muita hospitalidade em sua casa. Mostrou-lhes “sua biblioteca de consulta - grande raridade no país - a qual constava de algumas obras de Rousseau, Voltaire e outros”. Em **conversa** com os naturalistas, o padre falou sobre Kant e Napoleão e demonstrava ser um “prático filósofo” em meio à “solidão” e “beleza agreste”. Relataram, ainda, que nessa vila atuavam um ouvidor, um juiz de fora, funcionários da comarca e um vigário e funcionavam uma escola de latim e uma fundição real de ouro. Esses naturalistas foram recebidos pelo então juiz de fora José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, que viria a ser eleito o vice-presidente do governo provisório de Minas Gerais e o primeiro presidente da província. Vasconcelos era português de origem, “homem culto e amabilíssimo, era tão grande amigo da história natural quanto da jurisprudência. Quando ele nos levou à sua biblioteca, vimos com grande prazer, além de

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://peregrinacultural.wordpress.com>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

alguns livros ingleses e franceses, também as obras de Buffon e uma edição de Lineu” (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 18-19). Salienta Saint-Hillaire que Vasconcelos gozava de bela reputação e em toda parte exaltavam-se seu amor à justiça, seus talentos e sua ilustração (SAINT-HILAIRE, 1974b, p. 77).

Saint-Hilaire, ao passar por Sabará, hospedou-se na casa do sargento-mor Domingos Pinto, pessoa “bem educada” e de modos “distintos”. Em sua avaliação, nessa comarca - havia significativa presença de homens brancos “mais polidos e mais instruídos”. Se a família tinha condições, normalmente enviava seus filhos para Coimbra, caso contrário, havia o esforço dos pais em “transmitir algumas luzes às suas famílias” (SAINT-HILAIRE, 1974b, p. 76). Em outra oportunidade, esse viajante salientou que havia entre os moradores das imediações de Sabará, Vila Rica e Mariana “certa instrução”, associada, em boa parte, aos estudos feitos no Seminário de Mariana, fundado, segundo o mesmo viajante, por “mineiros ricos”, e cuja finalidade era instruir seus filhos sem ter que enviá-los à Europa (SAINT-HILAIRE, 1974b, p. 79).

Spix e Martius almoçaram na casa de Vasconcelos em companhia de funcionários da Comarca e, nessa ocasião, inevitavelmente, foram travadas “calorosas discussões”. Os viajantes argumentavam acerca das “vantagens” europeias, ao passo que a opinião local defendia que o Brasil, “tanto por sua posição como por sua riqueza de produtos, era independente, e pouco a pouco granjearia essa superioridade do espírito e da indústria”. Os naturalistas ficaram admirados com as ideias presentes entre aquelas pessoas e reconheceram que “o reino das ideias se espalha com a rapidez da **luz em fluxo e refluxo** [...] já se reconhece pela vivacidade espiritual do brasileiro, de semelhantes conversações, frequentemente ouvidas, a tendência deste país” (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 20, grifos nossos).

Na Vila do Príncipe, Spix e Martius foram recebidos tanto pelo ouvidor quanto pelo vigário. Referiam-se ao primeiro como “homem culto” e ao segundo como “amigo das artes”, pois, em sua casa, onde foram acolhidos, puderam observar gravuras francesas e inglesas ornamentadas com cobre. No Tijuco, conheceram o intendente-geral do distrito diamantino, o sr. Câmara, integrante da elite política mineira. Os dois relataram que ele era “formado na escola de nosso imortal Werner” e que havia viajado por “oito anos na Alemanha, Itália, Hungria, França e Inglaterra, [acrescentando que] é conhecido dos mineralogistas por algumas obras de valor”. Para os viajantes, dera prova de seu interesse pela

ciência, pois ordenara o adiamento das remessas das lavagens de diamantes para o Rio de Janeiro, a fim de que os naturalistas fizessem um “exame científico” dos mesmos (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 31).

Tendo em vista a trajetória de Câmara, é plausível considerar que ele tenha travado **conversa**ção com esses viajantes, razão pela qual tomaram conhecimentos específicos de sua trajetória e formação. O intendente era estudioso das ciências naturais, aspecto comum entre essas pessoas, e o que provavelmente propiciou o diálogo entre eles no “sertão” mineiro. Esses viajantes obtinham autorização na Corte para fazer incursões pelo interior do Brasil e, por onde passavam normalmente, apresentavam-se por meio do indulto real, o que viabilizava o intercâmbio com as lideranças locais, como Câmara e Vasconcelos, que, além de estudiosos, eram funcionários da Coroa.

Câmara, segundo Saint-Hilaire, “tinha vastos conhecimentos e ideias boas sobre política e administração; distinguia-se por uma probidade rara entre os mineiros”. Quando este sofreu um acidente nas imediações do Tijuco, os principais moradores ocuparam-se de visitá-lo durante o período de recuperação. O próprio viajante relata que muitas pessoas desconhecidas vinham “pedir notícias” ao seu tropeiro, além de diariamente contar com a colaboração do intendente, que teve a “bondade” de prover as suas necessidades. Durante sua enfermidade, Saint-Hilaire foi acompanhado pelo sr. Barros, “melhor” cirurgião do Tijuco. Recebeu ainda visitas de Francisco Leandro Pires; do capitão Manoel José Alves Pereira; dos irmãos Leandro; de Vicente Pires, com quem passou “momentos agradáveis”; e de José Paulo Dias Jorge, “homem instruído, poeta amável, cujas palestras muito contribuíram para meu perfeito conhecimento da região” (SAINT-HILAIRE, 1974b, p. 40-41).

No arraial de São Domingos (Araçuaí), Spix e Martius encontraram “dois rapazes franceses, que faziam compras para a sua firma do Rio de Janeiro e expunham à venda um pequeno sortimento de artigos europeus, parecendo muito satisfeitos com o andamento dos negócios”. No caminho rumo ao arraial de Contendas (São João da Ponte), foram acompanhados pelo padre Antônio Nogueira Duarte, que demonstrava um “vivo” entusiasmo pela História Natural. Era homem de “vastos conhecimentos, um espírito esclarecido e amadurecido por estada de vários anos na Europa” (SAINT-HILAIRE, 1974b, p. 62, 70, 82).

### 3 Considerações finais

Os relatos dos viajantes e a **palavra** do tropeiro denotam a força da oralidade entre os mineiros, prática cristalizada no período colonial e utilizada como estratégia de comunicação no entorno separatista e no decorrer do Primeiro Reinado. A circulação de impressos e periódicos era “tímida” entre os mineiros no período de 1821 a 1824; porém, essa limitação não implicou o distanciamento de camaristas, padres e parte da população das discussões envolvendo, por exemplo, a primeira viagem de Dom Pedro a Minas. Por meio de mecanismos ligados à oralidade, essas pessoas se inteiraram acerca das discussões travadas na Corte fluminense e em outras capitais, como Salvador. A circulação e o acesso às notícias foram importantes fatores que coadjuvaram para a ampliação do debate político entre as lideranças mineiras nos idos separatistas.

### Referências

- ANTUNES, Álvaro de Araújo. Considerações sobre o domínio das letras nas Minas setecentistas. *Revista de História*, Mariana, v. 10, p. 13-31, 2000.
- BERGAD, Laird W. *Escravidão e história econômica: demografia de Minas Gerais, 1720-1880*. Bauru: Edusc, 2004.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Odebrecht, 1994. v. 3.
- GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *A princesa do oeste e o mito da decadência de Minas Gerais: São João del-Rei (1831-1888)*. São Paulo: Annablume, 2002.
- LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil*. São Paulo: Símbolo, 1979.
- LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Trad. Milton da S. Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e constitucionais: a cultura política da independência (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2003.

POHL, John E. *Viagem no interior do Brasil*. Trad. Reis e Iminnern. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951.

RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Martins, 1976.

SAINT-HILAIRE, August. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*. Trad. Vilvaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974a.

SAINT-HILAIRE, August. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil*. Trad. Leonam de Azeredo Pena. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974b.

SILVA, Wlamir. *Liberais e Povo: a construção da hegemonia liberal na Província de Minas Gerais (1830-1834)*. São Paulo: Hucitec, 2009.

SOUZA, Laura de Mello e. Tensões sociais em Minas na segunda metade do século XVIII. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das letras, 1992. p. 347-366.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl F. Philipp von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. v. 2 Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

VELLASCO, Ivan de Andrade. *As seduções da ordem: violência, criminalidade e administração da justiça; Minas Gerais – século 19*. Bauru: Edusc, 2004.

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

VILLALTA, Luiz Carlos; BECHO, André Pedroso. Lugares, espaços e identidades coletivas na Inconfidência Mineira. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Org.). *História de Minas Gerais: as Minas setecentistas*. v. 2. Belo Horizonte: Autêntica/Companhia do Tempo, 2007.

### **Flow and efflux: the path of "news" in Minas Gerais**

**Abstract**

Travelers who passed through the Mines paths in the early XIX century- observed the “curiosity” of the miners and the “flow” of ideas in different villages. In this context, the circulation of news was not limited to the printed circulation, since orality and the word of the drover allowed people beyond the literate group, had access to the “news” from Europe and the Court from Rio de Janeiro.

**Keywords:** word; speaking; news.